

GEOGRAFIA DO TURISMO E O TEPEQUÉM DIANTE DAS REDES INTERNACIONAIS DE ECOTURISMO

1 Caracterização da rede internacional de ecoturismo

Dados recentes apontam que o número de turistas ao redor do mundo saltou de 436 milhões de pessoas em 1990 para 922 milhões em 2008, mais do que dobrando, portanto. Muito desse movimento ainda se faz intramuros nos países desenvolvidos, mas já começa a haver uma maior disseminação da demanda turística em busca de novas tendências e destinos.

Dentre todas as modalidades de turismo, o ecoturismo é o segmento que proporcionalmente mais cresce no mundo, enquanto o turismo convencional cresce 7,5% ao ano, o ecoturismo está crescendo entre 15 a 25% por ano. A Organização Mundial de Turismo (OMT) estima que 10% dos turistas em todo o mundo tenham como demanda o turismo voltado para a natureza.

O faturamento anual do ecoturismo, a nível mundial, é estimado em US\$ 260 bilhões, do qual o Brasil se apropria de cerca de US\$ 70 milhões, meros 2,6%¹. O faturamento das empresas de turismo de aventura e ecoturismo no Brasil, por exemplo, aumentou 21% só entre os anos de 2008 e 2009, onde passou de R\$ 491,5 milhões para R\$ 515,9 milhões. Inclusive, diversos eventos importantes, tanto na-

1 Dados da Organização Mundial do Turismo, disponível na página do Ministério do Turismo do Brasil em www.brasil.org, acessado em 10/11/2012

* Turismólogo, especialista em Educação, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRR, bolsista CAPES. E-mail: rodrigobaldin@yahoo.com.br

**Economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e pos-doutorando em Ciências Jurídicas. Professor de graduação e mestrado da UFRR. Email: eloisenhoras@gmail.com

cionais como internacionais tem marcado presença no país para tratar desse nicho de mercado².

Segundo o relatório de impacto do Programa Aventura Segura do Ministério do Turismo (MTur), em parceria com a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta), anualmente, o segmento atende a 5,4 milhões de turistas em busca de atividades ao ar-livre.

Tal situação leva o ecoturismo ao segundo lugar dentre as motivações de viagem no país, com 26,9% - um crescimento de 7,6 pontos percentuais de 2004 para 2010. Os dados também mostram que o ecoturista tem gastado mais no país. Em 2009, o gasto médio dos aventureiros foi de R\$ 293,00, crescimento de 165% em relação a 2008, quando foram registrados R\$ 112,00.

Hoje, estima-se que existam 2.067 empresas relacionadas ao segmento de turismo de aventura e ecoturismo no Brasil. Essas empresas empregam 11.637 pessoas diretamente, chegando, na alta temporada, a mais de 18.000.

Por vincular-se a um tipo de uso que minimiza os impactos negativos no meio ambiente e na população local, apropriando-se de espaços naturais, o ecoturismo contribui para a conservação e gestão de áreas legalmente protegidas e outras áreas naturais, abundantes no Brasil e em Roraima e relativamente escassas no mundo atual.

Tal fato, para além de ampliar a consciência e a compreensão em relação aos sistemas naturais e culturais das áreas envolvidas e o conseqüente participação dos visitantes nas questões que afetam esses sistemas, tende a colocar o Brasil em lugar de muito maior destaque no cenário internacional do ecoturismo.

2 Características básicas do Tepequém

A serra do Tepequém está localizada no município brasileiro de Amajari, no norte do Estado de Roraima, distando 210 Km da capital, Boa Vista. Este município conta com uma população de 9.330 habitantes distribuídos em uma área de 28.472 km², o que resulta numa densidade demográfica de 0,33 hab/km², baixa até para os padrões de Roraima, estado menos populoso e com menor densidade demográfica do país.

Neste oceano de terras pouco habitadas de Amajari, como ademais são os outros municípios de Roraima à exceção parcial de Boa Vista (2^a capital menos populosa do país, à frente apenas de Palmas/TO), temos uma serra famosa por seu garimpo

2 A exemplo do Abeta Summit, o maior encontro de turismo de aventura e ecoturismo da América Latina realizado em São Paulo em Setembro/2011.

e hoje visada pelo seu potencial turístico, a Serra do Tepequém, cuja aglomeração principal, a vila do Paiva, conta com apenas 60 residências, aproximadamente.

Nos últimos anos tem se verificado um aumento espontâneo no fluxo de turistas ao Tepequém, especialmente aqueles vindos da capital, levando a criação de fixos operacionais do turismo, como pousadas e restaurantes. Em alguns casos até, observa-se a venda de residências por parte dos moradores mais antigos, que recebem propostas consideradas elevadas e não têm, por outro lado, a garantia do registro dos seus imóveis.

A falta de planejamento e de uma política do turismo no Tepequém, agravada pelas questões de se ter um meio ambiente restrito e escassa comunidade de moradores, carentes de um maior engajamento e conscientização dos prós e contras do turismo, quadro que já está apresentando frutos indesejáveis, como acúmulo de lixo nos atrativos, poluição sonora e agravamento do quadro erosivo e de assoreamento de determinadas áreas pela ação antrópica.

Busca-se, então, levantar o sistema de fixos e fluxos do ecoturismo local no Tepequém, ou, como trata a teoria do turismo, o sistema turístico (SISTUR), com o intuito não só de ajudar na descrição da realidade atual, algo estática como uma fotografia, mas, principalmente com a prospecção de alternativas, à maneira de proposições para o futuro filme que está se construindo.

Para tanto usaremos, como base metodológica calcada na dialética, o conceito de lugar tirado da geografia, por suas características se adequarem ao estudo, e sua posição diante da rede internacional de agentes ligados ecoturismo.

Portanto, o objetivo principal deste estudo, para além da mera descrição, está na proposição de alternativas que favoreçam o desenvolvimento sustentável do Tepequém, necessariamente longe do turismo de massa e próximo dos usos qualificados e pontuais que sua realidade permite a longo prazo.

3 Fixos e fluxos do ecoturismo no Tepequém

Chega a haver, por parte de certas regiões e cidades, uma dependência quase total do turismo para gerar emprego e renda, seja pela vocação local, seja pela falta de alternativas de aproveitamento econômico. Uma verdadeira *monocultura do turismo*, que, como todas as monoculturas, deve ser evitada sob pena de se criar uma dependência estrategicamente nociva.

Deve-se atentar para os aspectos fundamentais que cercam a prática do ecoturismo e, nesse sentido, tem-se o conceito oficial adotado pela Organização Mundial de Turismo (OMT):

O ecoturismo é o turismo na natureza, de baixo impacto e que contribui diretamente para a conservação ambiental e produção de rendimentos para as comunidades locais. Baseiam-se em princípios do desenvolvimento sustentável. (World Tourism Barometer / 2009)

Em que pese as polêmicas que se criaram à análise deste enunciado, como a que trata do desenvolvimento sustentável, este conceito tem a vantagem de sublinhar os pontos principais ligados ao ecoturismo. São eles: a) o contato com a natureza, b) geração de emprego e renda, e c) Baixo custo (capital, social e ambiental).

Inicialmente, enquadra-se o turismo na realidade social do Tepequém por haver deslocamento incitado por uma motivação não ligada à moradia, como se observa em processos imigratórios. Contudo, como se verá mais à frente, a condição de permanência é algo a ser tratado com cuidado pela gestão do turismo, uma vez que se observa uma demanda turística de lazer, sem pernoite no local.

O ecoturismo, segundo a EMBRATUR, é um “segmento de atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

Atualmente, existem dois programas com o objetivo de promover o desenvolvimento do ecoturismo que são o Programa Nacional de Ecoturismo da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável (SDS/MMA) e o Programa de Visitação nos Parques Nacionais da Secretaria de Biodiversidade e Florestas (SBF/ MMA, 2006). Ambos têm por objetivo de fomentar a participação das comunidades tradicionais em atividades de desenvolvimento ecoturístico brasileiro.

Assim, no que tange ao estudo regional do turismo e dentro dos poucos dados disponíveis, e à semelhança do que se observa nacionalmente, há um déficit de legalização na atividade turística em Roraima, com um número muito baixo de profissionais, equipamentos e serviços cadastrados no Ministério do Turismo (Indicadores Turísticos de Roraima, 2010). Isso confere um caráter empírico às análises empreendidas, alheias muitas vezes à teoria e à prática adequadas.

O Tepequém possui nítida entrada líquida de turistas, constatáveis pela crescente presença de equipamentos turísticos como pousadas e restaurantes, além do crescente interesse da população local pela atividade. As condicionantes dos fixos do turismo, que são a oferta diferencial, a oferta técnica e o acesso, no Tepequém são bastante favoráveis, em linhas gerais.

Tal atribuição se dá pelo conjunto da sua beleza cênica, pela presença de cachoeiras abertas ao banho, a facilidade de acesso à vila por rodovias asfaltadas e pela existência de equipamentos mínimos de estrutura e serviços. Contudo, resta muito a ser feito ou aprimorado para uma efetiva consolidação do potencial turístico do Tepequém, como se verá adiante.

Para começar, por *oferta diferencial* tem-se o conjunto de todos atrativos³ presentes em uma localidade que possa, individualmente ou em conjunto, constituir fator de atração de turistas. Esta oferta diferencial permeia todas as esferas da sociedade, a ambiental, a cultural, histórica, a política, a religiosa; enfim, a sociedade como um todo orgânico e plural.

Sem esquecer a necessidade imperiosa de se realizar um inventário turístico completo, podemos elencar os seguintes atrativos turísticos da região: Cachoeiras do Paiva, Barata, Sobral, Funil, Laje Preta, Platô (ponto mais alto do Tepequém, que chega a 1022m de altitude), Paraíso das Araras, Enseada da Anta (uma área conservada onde pode-se observar facilmente vários animais, aves e insetos), caminho da Pedra Sabão (local que os moradores retiram a pedra sabão para a criação de peças artesanais), a vila do Cabo Sobral (onde ainda se encontrada casas antigas e resquícios do garimpo) e as grunas ou grutas subterrâneas.

Por conta da altitude elevada, o microclima, combinado com as características hídricas do local, apresenta-se mais aprazível do que aquele, por exemplo, de Boa Vista, razão de atração de moradores desta cidade nos finais de semana, feriados e férias, especialmente para os banhos nas cachoeiras. Este uso, porém, pode carregar malefícios, por se tratar, muitas vezes, de turistas “gafanhotos”, que devoram as paisagens, sujam os ambientes e vão embora sem deixar recursos significativos (KRIPPENDORF, 1978).

Já a *oferta técnica* vem a ser o conjunto de todas as instalações, equipamentos, tecnologias e serviços à disposição dos turistas. Existem, hoje, quatro restaurantes que servem café da manhã, almoço e jantar, a saber: Restaurante da Helena, Restaurante da Irmã Regina, Restaurante do Sr. Godim e o Restaurante da Pousada PSJ.

No quesito hospedagem, conta-se várias pousadas na subida da Serra, a mais significativa delas sendo a Estância Ecológica do SESC, único equipamento, aliás, que poderia, talvez, se encaixar na Deliberação Normativa 429/2002 da EMBRA-TUR⁴, reguladora dos meios de hospedagem no país, além de outras na própria Vila

3 Ainda se encontra referência a atrações com o mesmo sentido de atrativos em algumas publicações, até mesmo oficiais. Tal referência é um equívoco conceitual na medida em que se usa atrações para elencar ofertas de eventos, entretenimento ou afins, e não no sentido apresentado no texto.

4 Vale notar, em especial, o artigo 7º da referida Deliberação, que trata dos padrões comuns a todos os

do Paiva (Pousada Tepequém, Pousada PSJ, Pousada Lauro Godim, dentre outras pousadas menores e áreas de camping).

Ainda que a capacidade hoteleira instalada seja suficiente para atender a demanda nominal por pernoites no Tepequém, à exceção, talvez, de períodos de festas e eventos⁵, sua formação operacional deixa a desejar. As pousadas são administradas no contexto familiar, sem controle, recepção ou serviços agregados à hospedagem. Inexiste centro de informações ao turista, à maneira de um *visitor's bureau* convencional, que poderia agregar diversas demandas dos turistas em um único lugar, além de catalisar as demandas da população local quanto à atividade turística.

Por fim, *o acesso é a soma das vias de acesso propriamente dito com os meios de transporte*. O acesso se dá partindo de Boa Vista pela BR-174 até o km 100, depois seguindo pela RR 203 até o trevo do Trairão, passando pela sede do município de Amajari e seguindo mais 4 km serra acima com subida bastante íngreme. Todos os trechos dessas estradas estão bem asfaltados, com sinalização razoável, mas se encontram permeadas por algumas inexplicáveis pontes de madeira em estado precário, em particular o trecho final até a Vila do Paiva.

O meio de transporte mais usado é o automóvel particular, uma vez que, por ora, são pouco frequentes os ônibus turísticos e as excursões, até pelas dimensões dos atrativos e dos serviços no Tepequém. O acesso aos atrativos, como as cachoeiras e o platô, é feito por estrada de barro, com alguns trechos de baixa trafegabilidade e sem sinalização alguma.

Como se pode notar pelo esquema básico de um sistema turístico (Figura 1), retroalimentado e que parte das comunidades locais, o Tepequém reúne as condições básicas para o desenvolvimento de um sistema turístico.

meios de hospedagem.

5 Existe, inclusive, um calendário de eventos consolidado para o segundo semestre de 2011, com um evento de porte por mês organizado por associações locais, como a Associação de Empreendedores em Turismo do Tepequém e a Rádio Caxiri na Cuia, dentre outros.

Figura 1- Sistema Turístico no Tepequém



Fonte: Elaboração própria. Baseada em BENI (2002).

Primeiramente, é mister salientar as relações fundamentais que a demanda turística tem com a oferta, formando um núcleo duro e indispensável para a existência do turismo, presente no caso em estudo.

Na sequência, dentre todas as engrenagens do modelo apresentado, a que menos parece ter uma participação proativa e relevante no sistema turístico do Tepequém é o Estado, enquanto reunião dos entes públicos responsáveis. A oferta turística, como vimos, é aceitável, ao lado de uma demanda que, se não traz grandes recursos e carece, ao menos, de melhor educação ambiental, também não comprometeu (ainda) a integridade socioambiental do lugar.

Também parece haver um princípio de tomada de consciência da população local com a atividade turística, com o calendário de eventos coordenado por diversas instituições locais como prova dessa intencionalidade. Destaque-se o papel da comunidade acadêmica nesse sentido, em particular a UFRR, por seus trabalhos de campo e por sua integração com lideranças da comunidade (Informações colhidas em trabalho de campo do autor, agosto de 2011).

O Estado, *contrario sensu*, se faz muito pouco presente nesse sistema. Não existem órgãos específicos de turismo no governo estadual nem na prefeitura local, da mesma forma que não existe concurso público para a entrada de profissionais da área nessas instâncias. O zoneamento econômico segue indefinido, com o governo indicando a área da Serra do Tepequém como zona de utilização “limitada condicionada a estudos específicos” (Mapa de uso potencial da terra do Município de Amajari, RORAIMA, 2007). Dessa forma, sinteticamente, pode-se qualificar o sistema de fixos e fluxos do turismo (SISTUR) no Tepequém como se segue na tabela 2:

Quadro 1 - Qualificação do Sistema Turístico Básico do Tepequém

Grupo	Exemplos	Conceito	Observações
<i>Oferta Diferencial</i>	Cachoeiras, Platô, Vila	Bom	Inexiste sinalização turística. Necessidade de um inventário detalhado dos atrativos, com formas de uso e capacidade de carga (natural e social).
<i>Oferta Técnica</i>	Pousadas, Restaurantes	Regular	Falta de serviços agregados. Serviço de comunicação precário. Necessidade de treinamento e qualificação da mão de obra
<i>Acesso</i>	BR174, RR 203, estradas locais	Bom	Reparos e sinalização são necessários, especialmente nas estradas locais
<i>Demanda Turística</i>	Boa Vista, primordialmente	Regular	Presença de turistas “gafanhotos” e baixa rentabilidade do turismo local.
<i>Estado</i>	Estado de Roraima, Prefeitura de Amajari	Ruim	Inexistem órgãos específicos de planejamento do turismo. Falta de planejamento integrado, com dados escassos e/ou desconexos.
<i>Órgãos de Classe</i>	Associação de Empreendedores em Turismo do Tepequém, Rádio Caxiri na Cuia	Regular	Falta de um órgão aglutinador da oferta e demanda do turismo (<i>visitor's bureau</i>). Começo da conscientização sobre a atividade.

Fonte: Elaboração própria.

4 Lugar como conceito-chave no ecoturismo do Tepequém

A princípio, como vimos, o Tepequém reúne as condições para a dinamização do seu ecoturismo, pois seu sistema turístico possui energia suficiente para levar a cabo a atividade, apesar do nanismo estatal. Trata-se agora de contextualizar a sua geografia do turismo, e para tanto usar-se-á a categoria de análise que melhor se enquadra à realidade em questão: o conceito de lugar, pois:

A globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa

dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades. (CARLOS, 2007).

Assim, esta contextualização não pode deixar de levar em conta os aspectos socio-históricos do Tepequém, bem como sua condição atual, que imprimem forte sentimento de pertencimento ao espaço, que se quer aqui lugar, em seu sentido relacional e afetivo.

Mais uma vez, vale ressaltar que o lugar é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. Nessa relação entre o homem e o meio, especialmente o natural, é que está a chave para a correta e duradoura inserção do ecoturismo na vida social.

O aporte da reflexão geográfica enquanto ciência do estudo das relações entre o homem e o meio, mostra íntima relação da população local com o meio, particularmente por este apresentar questões críticas ligadas ao meio natural, e, talvez mais importante, ao aproveitamento e acesso social aos resultados da exploração econômica realizada.

Com uma ocupação maciça nos tempos do garimpo na região, a contar da década de 1930, intensificada nos anos 1980 e ladeada por períodos de retorno e abandono da atividade, a Serra do Tepequém exhibe as marcas desses períodos, marcado pelo descuido com as questões ambientais.

Encontra-se com facilidade os sinais dessa realidade de outrora, ao passar por áreas fortemente assoreadas, algumas instalações abandonadas ou mesmo na constatação de que a Cachoeira do Funil, um dos fortes atrativos locais, teve seu curso alterado pela dinamitação de áreas para o garimpo.

Dentre as aproximadamente 60 casas que compõem a população residente atualmente no Tepequém, bem distante das 5.000 pessoas que ali viveram no auge do garimpo (segundo relatos não oficiais), há forte apego ao espaço vivido. Como visto, tal fato caracteriza o conceito de lugar e faz com que se pense o Tepequém como *estância* turística, limitada por uso e dimensões e, principalmente, longe do turismo de *massa*.

Urge resgatar essa história, que se encontra totalmente negligenciada, utilizando o instrumental das práticas mais modernas de Interpretação do Patrimônio Natural e Social, não apenas como tributo aos moradores testemunhos dessa época, mas também como forma de (re)criação de valor social, componente importante do turismo cultural. Neste sentido:

O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. (CARLOS, *op.cit.*)

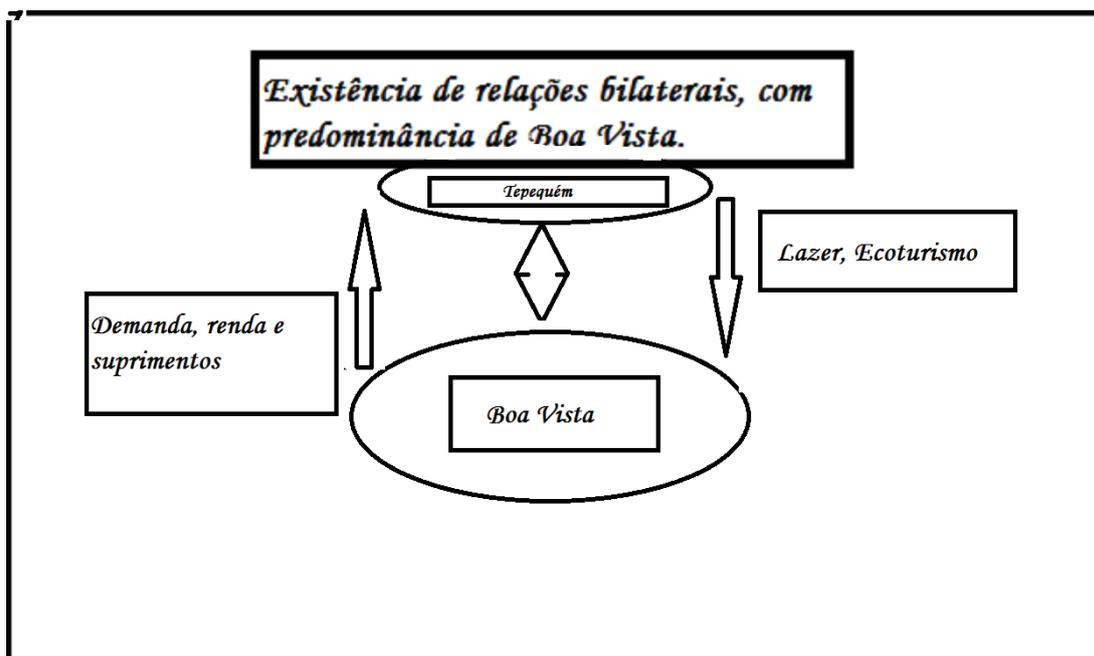
Ainda no que tange ao conceito de lugar, fica claro que a relevância do seu estudo é intrínseca aos lugares em si, como é o caso aqui do Tepequém, dentro das suas matrizes socioeconômicas e culturais e das suas redes de relações, e não, como querem alguns analistas de gabinete, a partir de uma visão apartada e distante.

Em termos práticos, voltando ao sistema turístico do lugar Tepequém, o componente acesso merece atenção diferenciada na conformação da teia de relações da geografia do turismo no Tepequém. Pertencente à esfera de influência de Boa Vista, tal acesso relativamente rápido e seguro faz com que se crie condições de satisfação das demandas de turismo dos moradores da capital, notadamente o turismo de lazer.

Satisfaz-se uma demanda em nome da conformação do Tepequém como lugar de lazer, ou mesmo de refúgio. Perigosa tendência se observa em casos semelhantes, em que lugares se criam como verdadeiras válvulas de escape dos centros urbanos e ficam alheios ao seu próprio destino, alienados pelo crescimento desordenado da atividade turística, que traz a reboque o agravamento dos impactos socioambientais e a perda de autonomia sobre o uso e a ocupação do solo, drenado pela especulação externa.

Tal é a circunstância que, guardada as devidas proporções, pode-se falar atualmente em um sistema de relações à moda de um sistema entre um planeta e um satélite, criando relações de dependência através de um centro de mandar – Boa Vista e outro centro de fazer - Tepequém (SANTOS, 1995) como se pode observar na figura 2:

Figura 2 - O Sistema de relações turísticas do Tepequém



Fonte: Elaboração própria.

5 Problemas e potencialidades do ecoturismo no Tepequém

Com o intuito de se diversificar a atividade turística, evitando a monocultura e a passagem arqueogênica perniciosa em todos os sentidos, cumpre agora apontar os problemas e as potencialidades do ecoturismo no Tepequém, colocando em primeiro plano a realização de um inventário qualificado do sistema turístico local, que foi antes tão somente citado dentro de um rol enumerativo.

Assim, para estabelecer o necessário rol taxativo deve-se proceder ao levantamento detalhado de todos os atrativos existentes, suas formas de uso atual, sua qualificação e diferenciação por níveis de conforto, segurança e fruição, dentre outros critérios que se queira adotar.

Em paralelo, verifica-se a necessidade de um levantamento da capacidade de carga natural e social do sistema turístico, como citado anteriormente, em particular nos ambientes naturais, como as cachoeiras. Infelizmente, já se pode observar a inadequação da coleta de lixo em alguns atrativos, conforme mostra a foto 1:

Foto 1- Lixo na entrada e na trilha da Cachoeira do Barata



Fonte: Arquivo pessoal, agosto de 2011.

Dentro de um rol meramente exemplificativo, as atividades que podem ser desenvolvidas no Tepequém estão: *Treking* (caminhada), *eco-bike*, rapel, banho em cachoeiras, turismo científico (Geoturismo, por exemplo), trilhas de moto e carros 4x4, observação da fauna e flora (*birdwatching*, por exemplo), exploração de grutas, turismo de eventos e, por fim, turismo de negócios (a depender de implantação de estrutura).

Esta é uma lista de atividades em geral consideradas dentro do ecoturismo, lembrando que devem seguir os pressupostos enunciados acima, caso contrário não podem se enquadrar nesta definição. Têm em comum o fato de serem praticadas em meio ao ambiente natural; no entanto, algumas têm suficiente impacto ambiental para não serem consideradas boas práticas pelos ecologista

Destas possibilidades, percebe-se uma clara concentração na modalidade de lazer ligada ao banho nas cachoeiras. Essa tendência, comum em destinos similares, à exemplo, para citar apenas um caso, da cidade de Lençóis/BA na Chapada Diamantina, traz problemas de uso excessivo dos recursos naturais, além de deixar poucos recursos para a comunidade.

Por fim, dentro de uma rol exemplificativo de problemas do turismo no Tepequém tem-se: infraestrutura turística precária, baixo valor agregado (falta interpretação do patrimônio social e ambiental), falta de treinamento das pessoas para a

atividade, empirismo das análises oficiais, dada a pouca presença estatal nessa área,

Tal lista mostra uma realidade até certo ponto administrável quando se observa o estágio em que se encontra o turismo no Tepequém. É de se esperar, inclusive, que esses problemas não “desapareçam da noite pro dia” como alguns vendedores de sonhos ideólogos do turismo como panacéia algumas vezes querem nos fazer acreditar.

Cabe, isso sim, apoderar ao máximo a comunidade local para que ela, de fato, seja protagonista do seu destino, ao passo em que se deve também exorcizar o mito do desenvolvimento a qualquer custo, pois suas bases de recursos ilimitados na teoria já se provaram falsas na prática (RODRIGUEZ, 2010, pág.34).

6 Conclusão

Este estudo buscou mostrar os aspectos gerais da geografia do ecoturismo Tepequém, sua caracterização pelo conceito de lugar e sua posição na rede internacional ligada ao ecoturismo. A partir da apresentação das condições contemporâneas do ecoturismo, incluindo seu conceito, buscou-se apresentar as nuances indicativas da oferta e demanda específicas do local face à rede internacional, para, daí, traçar as linhas do seu Sistema Turístico (Sistur).

Dessa forma, chegou-se ao levantamento que indica uma complementaridade com os sistemas de Boa Vista, do lado da demanda e os atrativos do Tepequém, do lado da oferta. Entretanto, dada a dinâmica e a volatilidade da atividade turística, esse quadro pode mudar rapidamente, em especial quando se observa que algumas condicionantes atuais, como as condições da preservação ambiental do Tepequém, podem sofrer ingerências alheias ao atores envolvidos.

Por fim, para melhor caracterizar a geografia do ecoturismo no Tepequém deve-se passar, necessariamente, por uma decisão política de aumentar e melhorar a infraestrutura (hoteleira, gastronômica e de serviços, dentre outras), além de incluir a devida capacitação técnica da mão de obra e, talvez mais importante, a plena participação da comunidade nos rumos da atividade turística.

7 Referências Bibliográficas

- BARRETO, M. Planejamento Responsável do Turismo. São Paulo: Papirus Editora, 2009.
- BENI, M. C. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: SENAC, 2002.
- BRASIL. EMBRATUR. Deliberação Normativa n.º 429/02. Brasília: MTur, 2011.
- CARLOS, A. O lugar do/no Mundo. São Paulo: Edição Eletrônica/ LABUR, 2007.
- CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CRUZ, R. C. A. Introdução à Geografia do Turismo. São Paulo: Roca, 2003.
- KRIPPENDORF, J. Sociologia do Turismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LOHMANN, Gill., PANOSSO NETTO, A. Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.
- MONTEJANO, J. M. Estrutura do mercado turístico. São Paulo: Roca, 2001.
- OMT – Organização Mundial Turismo. World Tourism Barometer, vol. 7, n. 2, junho, 2009.
- RODRIGUEZ, J.; SILVA, E. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Problemática, Tendências e Desafios. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- SANTOS, M. Por Uma Geografia Nova. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2004.